

ÁLBUM DE FAMÍLIA: PERCURSOS CRIATIVOS COMPARTILHADOS PELA ARTE

FAMILY ALBUM: creative pathways shared by art

ÁLBUM FAMILIAR: vías creativas compartidas por el arte

Selma Machado Simão

Pós-Doutoranda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

selma.msima@gmail.com

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Professora Adjunta da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

mrosamc@rc.unesp.br

RESUMO: O presente artigo se refere ao projeto “Álbum de Família” constituído por três oficinas de atividades de artes desenvolvidas em um espaço assistencial e educacional sem fins lucrativos localizado na cidade de Campinas em São Paulo. Este projeto faz parte de uma pesquisa de pós-doutorado voltada à proposta intergeracional que está sendo desenvolvida em ambientes de Educação Não-Formal. Assim, as oficinas de artes foram elaboradas com o intuito de possibilitar encontros integradores entre gerações com pessoas da mesma família. A pesquisa desenvolveu-se através de um estudo de caráter qualitativo realizado pelo seguinte recorte metodológico: a espiral autorreflexiva de Carr e Kemmis (1988); a concepção de *experiência* de Jorge Larrosa (2002); a análise de narrativa de Connelly e Clandinin (2000) e a análise documental a partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989). Assim, esta iniciativa foi baseada na busca de respostas advindas da participação de familiares em atividades de Arte-Educação, os quais atuando e criando conjuntamente, através de âmbitos emocionais, intelectuais e cognitivos, vivenciaram novas possibilidades de aproximações afetivas positivas ligadas à criação de autoria compartilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-Educação. Educação Não-Formal. Intergeneracional. Criação. Afetividade.

ABSTRACT: This article refers to the project “Family Album” consists of three workshops of arts activities in a care and educational space-profit organization located in the city of Campinas in Sao Paulo. This project is part of a post-doctoral research focused on intergenerational proposal being developed in non-formal education environments. Thus, the art workshops have been prepared in order to enable integrators between generations with persons of the same family. The research was developed through a qualitative study conducted by the following methodological approach: a self-reflexive spiral of Carr and Kemmis (1988); the concept of “experience” of Jorge Larrosa (2002); Connelly the narrative analysis and Clandinin (2000) and document analysis from the evidential paradigm of Carlo Ginzburg (1989). Thus, this initiative was based on the search for answers arising from the participation of families in Art education activities, which working and creating together through emotional, intellectual and cognitive areas, experienced new possibilities for positive affective approaches relating to the creation of authorship shared.

KEYWORDS: Art Education. Non-Formal Education. Intergenerational. Creation. Affectivity.

RESUMEN: Este artículo se refiere al proyecto “Álbum familiar”, que se compone de tres talleres de trabajo artístico en un espacio asistencial y una organización educativa sin fines de lucros, ubicada en la ciudad de Campinas, en São Paulo. Este proyecto hace parte de una investigación post-doctoral que se centró en la propuesta intergeneracional desarrollada en entornos de Educación no formal. Por lo tanto, los talleres de arte se han preparado con el fin de permitir encuentros integradores entre generaciones con personas de la misma familia. La investigación se desarrolló a través de un estudio cualitativo realizado por el siguiente enfoque metodológico: una espiral auto-reflexiva de Carr y Kemmis (1988); el concepto de “experiencia” de Jorge Larrosa (2002); Connelly el análisis narrativo y Clandini (2000) y el análisis de documentos desde el paradigma probatorio de Carlo Ginzburg (1989). De este modo, esta iniciativa se basa en la búsqueda de respuestas que surgen de la participación de las familias en las actividades de educación artística, en las cuales trabajando y creando en conjuntos, a través del áreas emocionales, intelectuales y cognitivas, experimentarán nuevas posibilidades de aproximación de los enfoques afectivos positivos relacionados con la creación de la autoría compartida.

PALABRAS CLAVE: Educación Artística. Educación No Formal. Intergeneracional. Creación. Afectividad.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo busca destacar a contribuição da Arte-Educação relacionada à convivência intergeracional desenvolvida a partir de uma experiência especial vivenciada entre pessoas da mesma família. A proposta foi realizada através de oficinas que envolveram as linguagens: oral, escrita, gráfica, pictórica e da colagem, e esta inserida em um projeto intergeracional de pós-doutorado intitulado: *Vidas entrelaçadas pela arte em um encontro de gerações*, iniciado há dois anos. Os movimentos das ideias e conceitos que geraram a elaboração dos instrumentos dessa pesquisa estão elencados neste texto em um preâmbulo elucidativo a seguir.

O *insight*, ou ideia luminosa que gerou este estudo, ou seja, o encontro intergeracional pela arte entre pessoas da mesma família surgiu a partir de uma observação advinda durante o desenvolvimento do trabalho de pesquisa-ação realizado na ONG Projeto Gente Nova (PROGEN) na cidade de Campinas em São Paulo (SIMÃO; TASSONI, 2015, p. 153). Voltada ao desenvolvimento de práticas em Arte-educação, esta atuação priorizou a integração intergeracional de pessoas de várias faixas etárias, entre elas: crianças, adolescentes, adultos jovens e idosos que frequentam este espaço assistencial e educacional Não-Formal. Os participantes conquistaram um envolvimento afetivo positivo comunicando-se indiretamente pelas produções intercambiadas que realizavam durante uma série de oficinas de artes desenvolvidas em horários independentes. Nesse cenário, interagimos com as dificuldades encontradas pelos educadores sociais no diálogo com as famílias tentando aproximar pais, mães e/ou tutores responsáveis sobre as concepções das crianças e adolescentes. Essas longas conversas tinham o intuito de alcançar uma parceria no trabalho educativo e resolver problemas de distanciamento e agressividade emergentes nos vários espaços da entidade.

Nesse contexto, duas questões nos mobilizavam: A Arte-Educação poderia contribuir de alguma forma, com esses grupos desenvolvendo ações capazes de harmonizar enfrentamentos e discordâncias vindos das singularidades de atitudes individuais entre pais ou responsáveis legais e seus filhos? Como lidar empiricamente com a questão de comportamentos sedimentados no ambiente familiar durante a participação das pessoas nas práticas?

Assim, indagando quais seriam as possibilidades de colaborar com aspectos relacionados à convivência e buscando oferecer oportunidades que pudessem diminuir os embates entre familiares, nos aventuramos a iniciar uma proposta capaz de incluir o núcleo familiar e as propriedades potenciais concernentes às atividades em artes. Ou seja, reunir a família em práticas de Arte-Educação com o objetivo de oferecer novas chances de aproximação e integração, tendo em vista os sujeitos como seres múltiplos, complexos e detentores de concepções e traços culturais diferenciados vindos dos diferentes conhecimentos e experiências relacionados às suas diferentes faixas etárias.

Durante o desenvolvimento da pesquisa surgiu outra série de questões, desta vez, relacionadas aos fazeres compartilhados: Durante atividades de artes com a proposição de unir-se no mesmo objetivo para dirimir problemas da criação. Seria possível lançar um gérmen capaz de contribuir com as relações cotidianas entre familiares? Seria possível oportunizar aos participantes a vivência de uma experiência relacional inusitada? Quais leituras de si e do outro poderiam ser feitas através do convívio alcançado pelo fazer artístico compartilhado em família? Que narrativas poderiam ser construídas a partir do vivido? Como seria a jornada do processo criativo para cada um?

Então, estas foram as questões que movimentaram três oficinas experimentais de atividades de artes desenvolvidas entre pessoas da mesma família durante o projeto: “Álbum de Família” realizado em uma entidade sem fins lucrativos localizada na cidade de Campinas em São Paulo, que desenvolve atividades educacionais e assistenciais. Todas foram planejadas com o objetivo de proporcionar ambientes capazes de fomentar o convívio através de ordenamentos vindos da intuição, do pensamento e da sensação apostando na obtenção de ganhos para estes aspectos. Fayga Ostrower, (2002, p. 66-67) elucidada:

Em todo ato intuitivo entram em função as tendências ordenadoras da percepção que aproximam, espontaneamente, os estímulos das imagens referenciais já cristalizadas em nós. Igualmente em todo ato intuitivo ocorrem operações mentais instantâneas de diferenciação e de nivelamento e outras ainda, de comparação, de construção de alternativas e de conclusão; essas operações envolvem o relacionamento e a escolha, na maioria das vezes subconsciente, de determinados aspectos entre os muitos que existem numa situação. É sempre uma escolha valorativa visando a algum tipo de ordem.

Sendo assim, objetivada a contribuir com estes aspectos subjetivos dos participantes, a proposta pretendeu promover tempos de desaceleração, espaços de permanências, de sentidos, passíveis de colaborar com o consenso de tensões e disputas vindas das urgências do cotidiano. Na concepção de Jorge Larrosa (2002, p. 19) a experiência...

(...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

O potencial da criação, um dos outros objetos desta pesquisa relaciona-se com a conquista da ampliação dos processos receptivos, perceptivos e expressivos. Para Fayga Ostrower (2002, p. 28): “[...] fundamental e gratificante, sobretudo para o indivíduo que está criando, é o sentimento concomitante de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar”. Dessa forma, as atividades foram planejadas com o intuito de oferecer aos participantes, a oportunidade de trilharem percursos estéticos de profunda significação. E neste contexto, desdobrar a experiência ao ponto de envolver as pessoas, intervindo em suas rotinas de maneira expressiva. Esta busca foi embasada na convicção, da qual o processo criativo é ininterrupto e se dá até quando não se está concentrado no objeto já que a mente continua trabalhando na questão. Além disso, muitas vezes a criação se dá em um estado de consciência alterado que nos conecta com o outro, e na concepção desse ambiente intergeracional de coexistência criativa da experiência poderia ajudar na compreensão de visões de pessoas com idades diferentes sob o enfoque de um mesmo problema. Um avanço dirigido ao alcance de benefícios que pudessem contribuir para uma convivência equilibrada e integrada.

Refletindo sobre esse tema, reportamo-nos à contemporaneidade, na qual presenciamos uma série de conflitos relacionados a interesses ideológicos divergentes capazes de desencadear graves disputas. Públicos cada vez mais plurais vivenciam processos de intensas transformações sociais frequentando o mesmo ambiente educacional. Nesses tempos turbulentos de intolerância, o construto das relações que preserva as diferenças sem estabelecer hierarquias tornou-se primordial no campo da Educação. No ensino de artes podemos contar com recursos importantes, pois esta área de conhecimento dispõe de ferramentas substanciais para auxiliar na construção da convivência respeitosa em todos os âmbitos educacionais formais, não-formais e informais. Sendo que, segundo Gohn (2006, p. 28), a Educação informal se constitui naquela pela qual “[...] os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados [...]”.

Como a liberdade expressiva é uma das principais atribuições da Arte-Educação, é possível oferecer por meio dela, inúmeras possibilidades de se externar a subjetividade. A partir desse ensejo, conhecendo-se o repertório emocional, intelectual e cognitivo do público, torna-se mais fácil favorecer as interações entre os diferentes grupos. Por isso, através das produções culturais

produzidas e dos debates que são gerados por elas, a Arte-Educação torna-se capaz de alavancar uma infinidade de estudos sócio-educativos de caráter empírico e analítico.

Para o desenvolvimento de todo o trabalho de pesquisa baseamo-nos nos pensamentos de Wilfred Carr e Stephen Kemmis (1988), que defendem a superação da racionalidade técnica através de uma investigação-ação emancipatória, a qual pode oferecer potencial transformador de caráter reflexivo desenvolvendo uma espiral. Ela se inicia no planejamento a partir da identificação de uma questão e parte para as etapas seguintes: ação, observação e reflexão. No plano da espiral autor-reflexiva particular de um projeto particular de investigação-ação, a tensão entre o entendimento retrospectivo e a ação prospectiva se concretiza em cada um dos quatro “momentos” do processo de investigação-ação; cada um dos quais “olha para trás” extraíndo sua justificação e, também “olha para frente”, no momento seguinte que é a própria realização (CARR; KEMMIS, 1988, p. 197).

Os dados observados durante a pesquisa foram analisados a partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989, p. 177) que o elucida com diversas asserções explicitando que...

(...) o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente (...) as pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível (...) Nessa negação da transparência da realidade, implícita legitimação encontrava o paradigma indiciário de fato operante em esferas de atividade muito deferentes (...) Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

Desse modo, os indícios analisados buscaram implicações sugestivas geradas explicita e implicitamente nas produções, expressões e comportamentos. Este “texto-campo” foi constituído de notas diárias de observações em campo contendo: relatos dos encontros realizados no espaço educacional; transcrições de conversas; escritos e narrativas elaboradas em álbuns pelos próprios participantes; imagens fotográficas da produção cultural desenvolvida com a finalidade de incorporá-la na construção desses registros e imagens fotográficas documentando a experiência.

As análises foram complementadas pelas orientações da pesquisa narrativa – uma pesquisa relacional que envolve: pessoas em relações, estudos sobre as experiências que decorrem destas vivências e a investigação como parte integrante da experiência (CONNELLY; CLANDININ, 2000). Esta investigação permanece atenta para as histórias individuais envolvidas e moldadas por narrativas culturais, narrativas sociais, narrativas institucionais, narrativas linguísticas e também para as narrativas dos investigadores. As apreciações estão voltadas principalmente a partir dos fenômenos que surgem da experiência vivida.

Finalizando esta introdução, apresentamos a organização do presente artigo: primeiramente, descrevemos e comentamos a experiência apresentando os caminhos trilhados permeados pelos relatos, análises e imagens. Consequentemente, pontuamos algumas reflexões finais sobre as observações e resultados decorridos da experiência.

2 | PERCURSOS CRIATIVOS EM CONFLUÊNCIA

Como exposto anteriormente, a proposta dividiu-se em três encontros, sendo que cada um teve duração de três horas e meia. As pessoas convidadas aderiram a proposta espontaneamente e o grupo acabou formado por 14 (quatorze) participantes – 8 (oito) adultas e 6 (seis) crianças. Dentre as crianças, duas são bem pequenas com 4 (quatro) e 5 (cinco) anos, e ainda, surpreendentemente participaram dos encontros, dois bebês um de 3 (três) meses e outro de 11 (onze) meses. A participação imprevista dos bebês trouxe uma série de reflexões que serão colocadas posteriormente. Assim, a faixa etária infantil foi compreendida dos 3 (três) meses até os 11 (onze) anos e a

faixa etária das participantes adultas, dos 21 (vinte e um) aos 53 (cinquenta e três) anos. Duas dessas 8 (oito) mães eram filhas de uma senhora também participante e trouxeram seus 3 (três) filhos, fato que reuniu mães, avó, neto e netas, unindo 3 gerações na mesma proposta.

Nos depoimentos todas as participantes adultas relataram que nunca haviam vivenciado uma experiência semelhante a essa, dizendo que sentiam falta de oportunidades como essas para desfrutarem momentos lúdicos com as crianças:

Eu não tenho tempo e a vida é muito corrida, só há pouco tempo comecei ler histórias para meus filhos antes de dormirem! (Relato de Amanda¹, uma mãe de 21 anos).

Sofia a avó de 53 anos fez questão de dar seu testemunho:

Na minha família a gente sempre fez tudo junto, como cozinhar, limpar a casa, preparar festinhas, mas uma atividade como essa nós nunca tínhamos feito. Assim... desenhar e pintar com as crianças.

Todas também relataram que nunca haviam pintado tecidos e cada passo da experiência seria uma novidade, pois não imaginavam o que estava por vir.

Os tecidos foram escolhidos por seus aspectos sensoriais relacionados ao envolvimento com o corpo, ao toque, às suas diferentes temperaturas e movimentos. Independentemente da idade dos participantes, através destas atribuições, o tecido é um material propício ao aprofundamento da afetividade positiva pela sensação agradável de seu contato e flexibilidade. Suas tramas delicadas também simbolizam o entrelaçamento das relações configuradas pelos diálogos permeados de gestos, emoções e intelecções.

O grupo foi organizado em duplas formadas de mães e filhos/as e entre uma avó e seu neto. Inicialmente, as duplas foram orientadas a manchar os tecidos de três tipos de peças: camisetas, toalhinhas e panos de prato (Figura 1). Posteriormente, depois de secos, estes tecidos coloridos iriam servir de suporte para desenhos e pinturas.

Figura 1 – O varal da criação



Fonte: Foto de Alexandre Moya

¹ Com o intuito de resguardar a privacidade dos participantes, os nomes citados neste texto são fictícios.

Além dos tecidos, os outros materiais explorados nas atividades de desenho, pintura e colagem constituíram-se de: papéis, lápis, pinceis e tintas variadas. Cada dupla formada por uma adulta e uma criança, completou o trabalho pintando conjuntamente duas camisetas, uma para cada parceiro. Assim, durante os percursos, o desenho, a pintura, a escrita e os relatos sobre os processos foram às linguagens desenvolvidas como comunicações expressivas de narração de afetos. As duplas coabitavam o mesmo espaço e tempo para a troca e transmissão de bens materiais e simbólicos, sendo que a cada encontro eram lançados novos desafios.

O espaço tridimensional da temporalidade que contempla as dimensões: do presente, passado e futuro; da sociabilidade e do lugar da experiência apresentado por Connelly e Clandinin (2000) surgia no decorrer das atividades, demonstrado através das narrativas desenvolvidas pelos participantes, pois os mesmos expressavam falas vindas de um retorno às circunstâncias da infância, como:

Quando eu era criança a gente não fazia arte na escola. Não tinha nada disso não! Eu aprendo com eles, netos, netas e filhas. (Frase de Sofia).

Já sua filha Amanda, uma jovem mãe de 21 anos, comentou:

Na escola a gente só pintava com lápis de cor, nunca com tinta! Eu não sei nem como pegar o pincel!

Também nós pesquisadores, assim como nosso público, voltamos à infância elaborando comparações das situações que vivenciamos com as situações do passado. Relacionamos as histórias dos participantes com as nossas histórias, processo natural que elaboramos para entender internamente quem somos e o mundo que vivemos. Além do que, nunca somos os mesmos após as transformações ocorridas após a experiência da pesquisa.

Para as duplas foi dada a oportunidade de planejar sua criação, ou seja, pensar, idealizar, dialogar, argumentar e construir todo o contexto compositivo e formal do trabalho que iriam desenvolver. Por isso, puderam:

- a) expressar as ideias livremente tendo em vista a influência mútua de elementos pessoais mediante a relação com a criação;
- b) realizar tomadas de decisões sobre a maneira pela qual iriam gerir sua parceria no desenvolvimento das ações;
- c) combinar quais seriam as escolhas de temas e cores utilizadas nos trabalhos por cada dupla.

Logo, os participantes foram inclusos no processo de planejamento das ações para que se apropriassem das atividades sentindo-se, realmente, integrantes à proposta e pertencentes ao espaço-tempo que vivenciavam, transformando-a em uma experiência capaz de afetá-los positivamente.

Contudo, no envolvimento das duplas também emergiam tensões entre o entendimento introspectivo e as ações prospectivas, conflitos comuns entre relações dialógicas de culturas de diferentes faixas etárias. Porém, durante alguns momentos de trocas de ideias foram observadas interações positivas, como àquelas que rompiam paradigmas pertinentes aos papéis dos familiares mais velhos – padrões de relações de poder, autoridade, controle e vigilância referentes às suas atuações com as crianças. Isto porque, no oferecimento da possibilidade de promoção de negociações e formulações de regras comuns, nos tempos de trocas dedicados a si mesmos e aos outros, as relações entre adultas, crianças e adolescentes tornaram-se mais simétricas. Alguns depoimentos ilustram essas observações:

Eu pensei... credo! A Viviane (sua filha de 5 anos) precisava pintar tudo assim, ...daí eu disse pra mim mesma... tá bom... eu não vou intrrometer... (Frase Dalva, mãe de 36 anos).

O André (seu neto de 8 anos) quis essa cor, eu não, mas então eu acabei deixando ele pintar do jeito dele. (Frase de Sofia).

Lá em casa prá forrar a capa do álbum, a Tamara (sua filha de 11 anos) escolheu esse tecido, mas eu tinha gostado do outro, daí nós dividimos a capa do álbum, metade pra cada uma! (Frase de Carla, mãe de 24 anos).

Estas foram noções pelas quais as pessoas puderam refletir sobre suas capacidades, limitações, tendências e conquistas inerentes a cada fase do trabalho, podendo se expressar por meio das narrativas das experiências vividas.

Nas atuações entre as duplas podiam ser incluídas revisões das determinações tomadas anteriormente, adaptando-as conforme surgiam dificuldades ou novas necessidades de acordo com: gostos, preferências, manejo dos materiais ou ideias novas originadas para suprir os desafios que tinham que ser superados. Desse modo, cada detalhe da atividade priorizava a formação de um envolvimento intelectual e afetivo positivo entre as duplas pressupondo relações de correspondência entre estas duas capacidades.

O grupo primou por aceitar aspectos inesperados e imprevisíveis de produções significativas materializadas não só por meio de imagens e palavras, mas através de gestos voltados à parceria e à interação. Entretanto, nem por isso as práticas foram improvisadas, pois privilegiou o julgamento e seleção das ideias e processos mentais que buscassem meios que colaborassem com a concretização da criação. Dessa maneira, durante as oficinas foi possível verificar uma atenção redobrada na dedicação ao trabalho como demonstrado na figura 2.

Figura 2 – Carla, mãe de 24 anos desenhando em uma camiseta



Fonte: Foto de Alexandre Moya

Outros comentários sobre os processos de criação expressavam as apreciações dos participantes, como neste exemplo do dizer que se referiu à empreitada de concatenar ideias para escolher o tema das camisetas:

Hoje eu gostei mais! Nós tivemos que usar a mente! Relatou Sofia, após o segundo encontro (Figura 3).

Figura 3 – Camiseta criada por Sofia, avó de 53 anos e por seu neto, André de 8 anos



Fonte: Foto de Alexandre Moya

Alguns relatos demonstraram a aprovação da experiência também no tocante à manipulação dos materiais, como nessa fala de Maria uma mãe de 40 anos:

– É legal pintar com tinta, eu gostei. Devia ter mais oficinas assim aqui!

Sendo assim, foi possível verificar o surgimento de pensamentos, sentimentos e sensações manifestando-se referentes às intersubjetividades das microrrelações entre as duplas. Profusões de expressões de toda ordem, como: medos (voltados à experimentação do desconhecido, ou da novidade), contentamento, decepção, interesse, frustração, e outros. No entanto, o medo parecia não atingir as crianças que interagiam alegremente não demonstrando sinais de receio, insegurança ou incerteza. Para Fayga Ostrower (2002, p. 130) as crianças fazem atividades de artes prazerosamente e despreziosamente, pois para elas:

(...) o criar – que está em todo seu viver e agir – é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que ela afete o ambiente, ela não o faz intencionalmente; pois tudo o que a criança faz, o faz em função da necessidade de seu próprio crescimento, da busca de ela se realizar.

Igualmente, a participação das crianças ocorria de modo espontâneo, e esse fator talvez tenha sido inspirador para as mulheres adultas, pois através das trocas de saberes, mães e avó ao lado das crianças assumiam naturalmente arquétipos de aprendizes. Um grupo de pessoas próximas compartilhando momentos de relações de autoria dentro da transitoriedade dos contextos criativos que convidam a pensar utopias em constantes variações, até mesmo quando se encontravam em silêncio. Um breve diálogo de mãe e filha ilustra esta reflexão:

Nossa que silêncio que tá aqui! Disse Neide, uma mãe de 33 anos.

É porque tá todo mundo concentrado! Respondeu Karina, sua filha de 7 anos.

Outra observação favorável relacionada à participação das crianças se deu quanto às posturas e atitudes desenvolvidas por elas durante os encontros. Talvez pela chance de trabalharem junto

e de igual para igual com suas mães ou avó, elas se sentiram valorizadas, e conseqüentemente, dispostas a assumir com o grupo a responsabilidade pela integridade da sala. Ou seja, prezaram pela convivência harmônica entre os participantes, cuidando para não elevar o tom de voz, não desperdiçar os materiais e participar da limpeza.

Outro subsídio importante para construir esse convívio especial em família foi a confecção do álbum, que segundo as falas das participantes adultas despertou sentidos interessantes no trabalho compartilhado. Por meio dele as duplas participantes tiveram a oportunidade de registrar: relatos, narrativas, desenhos e colagens. Essa incumbência teve a finalidade de estimular a vivência do processo criativo em atividades de artes no ambiente das práticas cotidianas da família. O álbum também foi elaborado com o intuito de registrar passagens destes encontros testemunhando a parceria, a coexistência criativa, a coautoria e a alteridade que essa convivência é capaz de propiciar. Durante a primeira oficina as duplas foram fotografadas, e posteriormente, os participantes puderam colar essas fotos na primeira página do álbum (Figura 4). Dessa forma, as diferentes linguagens iam sendo apropriadas como formas de inventividade de si e do mundo.

Figura 4 – Primeira página dos álbuns com fotos das duplas participantes tiradas durante a primeira oficina



Fonte: Foto de Alexandre Moya

A presença dos dois bebês e das duas crianças pequenas, mencionados anteriormente trouxe outras vertentes para o processo de pesquisa, pois com a participação deles, surgiu a necessidade de conversar com o grupo sobre a cultura dos bebês e sobre a cultura infantil, formadas por saberes especiais, vontades e opiniões muito peculiares. As autoras Richter e Barbosa (2010, p. 87) nos trazem elementos importantes sobre este assunto:

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais.

As autoras afirmam ainda que nas “pedagogias adultocêntricas, higienistas e ‘escolarizadoras”

não existem meios de reconhecer bebês e crianças pequenas como “seres linguageiros, ativos e interativos” (RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 90).

Em um dos nossos encontros, enquanto conversávamos sobre as crianças, uma jovem mãe pegou seu celular e mostrou fotos da filha de 11 (onze) meses rabiscando em folhas de papel no chão. Afirmou que as fotos tinham sido tiradas pelas educadoras da creche surpresas porque nunca tinham ensinado sua filha a segurar um lápis de cor ou giz de cera e ela espontaneamente o fez quando teve contato com esses materiais. Esta iniciativa ilustrou a conversa que estávamos tendo, ampliando a compreensão do grupo sobre a existência da cultura dos bebês e da cultura infantil. Faria (1999, p. 62) explica que muitas vezes estas culturas foram invisíveis ou percebidas equivocadamente, como quando as experiências brasileiras relacionadas à educação infantil acabavam:

(...) vendo a criança apenas do ponto de vista biológico como um vir-a-ser, em vez de vê-la também na sua dimensão cultural, isto é, também com sua especificidade infantil, enquanto uma fase da vida a ser vivida no seu tempo: tornando-se criança, sem precisar transformar-se em adulto rapidamente, encurtando sua infância.

(...) abandonando uma concepção de criança competente e capaz, sujeito de direitos, criadora e consumidora da cultura e não apenas um aluno, geralmente entendido como consumidor da cultura produzida por outros, sendo precocemente escolarizado.

Em nossos encontros também refletimos sobre a importância da Arte-Educação ser desenvolvida entre crianças pequenas, como propõe Albano (2004, p. 49, 50):

(...) a razão pela qual a arte pode ser a base para repensarmos uma pedagogia da infância está justamente na inteireza, no modo como constrói conhecimentos.

(...) a educação infantil só vai mudar quando os educadores se permitirem imaginar outras formas de trabalhar com as crianças, quando se permitirem imaginar outras formas de se relacionar com o conhecimento e portanto com o mundo. E, nesse quesito, penso que a arte pode ser de grande valia por ser, por natureza, revolução permanente.

As oficinas ofereceram aos bebês e às crianças pequenas ensejos diferenciados de interlocução junto a suas famílias através de vivências simbólicas receptivas, seguras e provocativas (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Camiseta elaborada por Amanda, mãe de 21 anos apresentando as marcas do pezinho de seu bebê, Thais de 3 meses



Fonte: Foto de Alexandre Moya

Figura 6 – Suzana, mãe de 24 anos manchando uma camiseta junto com seu bebê, Camila de 11 meses



Fonte: Foto de Alexandre Moya

Deste modo, os encontros ofereceram oportunidades inusitadas de construção de conhecimentos também entre mães, bebês e crianças pequenas em um intercâmbio de criações e apropriações de saberes singulares, criando e produzindo novas interações entre elementos pessoais, e, portanto, complementares. Sobre essa influência interativa Richter e Barbosa (2010, p. 92) comentam: “As primeiras noções sobre o mundo se constituem no encontro e nas interações com adultos e outras crianças, marcados pelas relações de emoção e afeto e pelas oportunidades que as práticas culturais e as linguagens simbólicas daquela sociedade sugerem.” Deste modo, as participações dos bebês e das crianças pequenas foram irmanadas e salientadas através e das capacidades de sensibilizar-se e de disponibilizar-se.

As pessoas traziam informações sobre a visão de cada um sobre os processos desenvolvidos como oportunidades de comunicação importantes, tanto para ouvir-se verbalizando a própria voz narrando à experiência, quanto para ouvir ao outro. Esta sensibilização da escuta propiciava aos participantes a possibilidade de se conectarem com os caminhos criativos escolhidos pelos outros integrantes do grupo. Com isso, podiam comparar seus próprios percursos criativos, encontrando nos discursos das outras pessoas, pontos consonantes e antagônicos a eles. Essas inferências de reelaboração intersubjetiva configuravam os meandros da prática autorreflexiva que estava sendo proposta.

As narrativas iam tomando uma dimensão coletiva, enquanto lembranças da infância das mães e avós eram relatadas passando a ser vivificadas pela imaginação das crianças. Então, imagens mentais interferiam na realidade tocando os participantes e provocando sensações e reflexões. As crianças produzem e reproduzem as vivências reinterpretando o espaço simbólico não só em dizeres, mas também na forma como se apresentam no mundo – instâncias capazes de orientá-las na maneira de ser no futuro.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O compartilhamento do prazer que atividades de Arte-Educação podem conferir aos envolvidos foi amplamente explorado nesta experiência que ressaltou a criação e o aprofundando da construção e sensibilização de sentidos. Nas conversas após o término dos encontros, crianças, mães e avó fizeram depoimentos elogiosos demonstrando indicativos do sucesso da iniciativa no tocante à satisfação que obtiveram ao usufruírem o direito de pensar, elaborar e decidir sobre seus próprios fazeres em atividades de artes. Os participantes reconstruíram memórias compartilhando relatos de histórias de vida relacionadas às suas vivências no ensino de artes, além de experienciarem novas possibilidades intergeracionais inseridas na área.

Através da produção realizada por meio da co-autoria entre pessoas da mesma família e das potencialidades criativas das linguagens expressivas em artes, entre outras atribuições, foi possível promover a alteridade e auxiliar os processos de convivência estabelecendo um campo interativo de afetividade positiva passível de se estender na rotina das famílias.

Um experimento como este que propôs ações de compartilhamento de tempos, espaços, pensamentos, sentimentos e sensações entre diferentes gerações, apesar da complexidade do processo de criação entrelaçado, é capaz de oferecer condições propícias para observações singulares. Mas para que isso fosse possível, além das ações observadas, cada gesto, olhar ou fala tiveram importância nas análises da pesquisa, pois a investigação enveredou também pelos indícios detectados nas conversas e expressões. Um exemplo se deu nas falas e atitudes das participantes adultas que trouxeram vestígios de mediações equivocadas do passado com tendências restritivas. Entretanto, avaliamos que os participantes evidenciaram posturas conscientes durante os trabalhos que reverberaram em reflexões críticas sobre o ensino de artes. Tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, estimamos que a experiência revelou-se como contraponto de práticas educativas repetitivas e silenciadoras, sendo que a construção de um contexto inovador foi de grande valia para estabelecer novas concepções de ações colaborativas.

Quanto ao papel das pesquisadoras na experiência, como agentes epistêmicos da pesquisa, nos coube metabolizar o conhecimento vivido em reinvenções de nós mesmas e da realidade pesquisada a partir da experiência vivenciada. A pesquisa é só uma parte de nossa vida que acontece na relação com outra pequena parte da vida dos participantes e a experiência é uma amostra do nosso mundo vivendo em relação com os mundos dos participantes. Sendo uma vivência em intersecção temos o compromisso de entender nossas vidas nestes movimentos ressaltando as complexidades pessoais e não recaindo em estereótipos generalizantes.

Devemos sim, compreender os estereótipos enveredados na vida dos sujeitos para compreender as violências simbólicas que interferem na construção das diferentes identidades. Uma das formas de conquistar estes ganhos é promover uma reação às invisibilidades das produções culturais genuínas e singulares das diferentes gerações desenvolvidas nos muitos espaços educacionais, formais, não-formais e informais. Cabe registrar que a perspectiva da pesquisa narrativa contribuiu para entrelaçar questões advindas de um cenário onde se encontram pessoas que se conectam e constituem-se em relações intergeracionais em um fazer pela arte.

Referências

- ALBANO, A. A. A arte como base epistemológica para uma pedagogia da infância. In: *Caderno temático de formação II: educação infantil: construindo a pedagogia da infância no município de São Paulo*. [São Paulo]: [s.n.], 2004. p. 43-50. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/16676.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.
- CARR, W.; KEMMIS, S. *Teoria crítica de la enseñanza: la investigación-acción em la formación del profesorado*. Barcelona: Martinez Rocca, 1988.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, J. *Narrative and story in practice and research*. New York: Teachers College Press, 2000.
- FARIA, A. L. G. de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. *Educação & Sociedade*, ano 20, n. 69, p. 60-91, dez. 1999.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 177.
- GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.
- SIMÃO, S. M.; TASSONI, E. C. M. Vidas entrelaçadas: uma experiência intergeracional na educação não-formal. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v. 33, n. 65, p.151-169, 2015.